

Formação para a Missão

Guardo neste texto, que agora publico, o tom coloquial, em homenagem ao Prof. Joaquim Carreira das Neves. Foi com ele, ao longo de quase duas décadas, que aprendi a dialogar no âmbito do Conselho Científico da Universidade Católica/Faculdade de Teologia. Foi dele que recebi a dignidade de uma palavra clara sem subterfúgios, particularmente em debates de opinião nos meios de comunicação social. Com ele me habituei a percorrer textos densos e simples, estudos profundos em linguagem lógica e próxima, reflexões com amplo suporte científico e desprentensiosas que «a gente entende». Aqui, nestes curtos apontamentos sobre a forma da missão¹, apontando para o Enviado de Deus, Jesus Cristo, deixo a minha gratidão.

Gostaria de iniciar este diálogo convosco sentando-me à vossa beira para apreender o sentido das palavras que saem de mim, mas que não dizem nada sem vós. Tenho necessidade de vós para falar, não caia o meu discurso no vazio; tenho tanta necessidade de vós como da «fala» que de mim sai e se expande.

A melhor forma de viver é quando há outro que está na nossa companhia e que nos deixa apreciar a sua forma terna de escutar o que se diz; nessa forma ele nos dá vida! Um casal é como vós para mim: um é tanto mais quanto mais o outro é; um cresce mais quando o outro cresce; é tanto mais feliz quando o outro o é também. No fundo sois espelhos de reciprocidade e importa que cada um se converta a ser casal.

¹ O texto que se publica é o resultado de uma conversa em Fátima com os Casais das Equipas de Nossa Senhora, em etapa de formação.

1. À procura da forma ou do seu vislumbre

Gostaria de partir da «missão». Mas que «missão»? – Quando a pensamos, julgamos sempre que é para os outros; e temos razão: a missão é *envio*, no sentido mais original; mas um envio que altera o enviado, um enviado em transformação.

A missão é a de fazer homens maduros que atinjam «a plena estatura». Mas, como se desenvolverá este plano sem remexer com a casa secreta de cada um? – Quem se coloca em missão não é sedentário, não adquiriu tudo, nem chegou ao fim. É itinerante, anda, percorre, caminha... em relação a mais alguém, a outro, que lhe aparece sempre no horizonte. Quem está em missão é nómada não só em relação ao outro que busca, mas em relação a si. A missão transforma, faz ir à frente, amadurece, obriga a dar passos, fustiga cada um, não o deixa a comprazer-se com o adquirido, mas sente sempre que há mutilações enquanto os outros dão sinais de fragilidade, que no fundo também são os seus sinais. É assim que ninguém é homem (ou mulher) sem *missão*: a de querer aceder à plenitude passando pelo caminhar irresistível do outro!

Ao reflectir sobre a missão vem-nos à mente o Evangelho, como texto programático. Mas quem não sente atracção pela Boa Nova, pelo Evangelho? – Daí que a missão seja uma tarefa interna a cada homem ou mulher, seja um dever que escorre da sua intimidade.

Enviados, missionários? – Sim. Todos, na medida em que se comprometem consigo mesmos, dando cumprimento à sua existência neste mundo, o que passa irresistivelmente por sair de si para se desenvolver, por falar com o outro para aferir os seus próprios critérios, por olhar os olhos do outro para se conhecer, por anunciar boas notícias escrevendo ou «tirando» a prova real dos seus passos e das suas decisões. É, por isso, que a nossa missão em relação ao corpo da humanidade que é nosso beneficia sempre quem se entrega de alma e coração.

A nossa missão é *acção* centrada na Boa Nova, como quem chega a casa e apresenta as peripécias de uma jornada, para que o outro as comungue e possa ser mais forte, mais feliz. Uma acção eficaz, que vem do outro lado de nós e que transforma os outros pelo testemunho que lhes damos do nosso serviço desprezioso. Trata-se de uma acção como quem conta histórias para que o outro se sinta bem ou simplesmente para que ultrapasse um mau momento. Uma acção sem interesses outros senão o da felicidade, do

bem-estar, da qualidade de vida do outro, já que facilitar-lhe a vida de homem, dar-lhe uma palavra de alegria e de consolo, aplaudi-lo para passar a outra fase, é já exactamente plantá-lo noutro lugar, fazê-lo andar, ultrapassar obstáculos ou desatar amarras que o ligam a uma etapa que crê última. A acção define-nos, faz-nos, diz o nosso ser inquieto, em movimento, em passagem, em errância. Onde não há acção espreita a morte ou instala-se. É assim no casal, como é assim em todo o homem: se o casal interage, se é operativo e inventivo no relacionamento, se comunga, se trabalha, se ama... é casal. A acção define a sua identidade. Quando estagna no relacionamento, quando proíbe o diálogo, quando desconfia dos passos e fica inerte, quando fecha o movimento do coração, quando não é operativo no amor... entrou no crepúsculo da tarde que preludia uma noite escura.

A nossa acção tem uma *forma*, tem um molde. Movimentamo-nos, agimos, operamos nas sendas de uma figura exemplar; mesmo quando criamos, temos modelos prévios que vamos transformando. Lembrai o bebé que fomos ou que tantas vezes acalentastes no vosso regaço: os primeiros sorrisos foram aprendidos, formados, a partir da ternura do rosto materno, do carácter meigo e doce da sua forma de olhar, da limpidez dos primeiros gestos diante do fruto de um amor imenso. Naquilo que fazemos desde o início há uma forma, uma maneira muito própria, um jeito, um traço que nos identifica. Trata-se da matriz da nossa própria originalidade de agir, de fazer, de estar em atitude de missão ao lado dos outros e com eles.

Daí a importância do nosso tema; daí o interesse de começar pela forma: formação para a missão! Se a missão e a acção nos constituem como gente (a todos), elas divergem (em cada um) a partir da forma. Qual é a nossa «forma»? (Eis a questão).

Ao olhar os filhos é fácil reconhecer a forma dos pais, como ao falar com os jovens se pode vislumbrar a forma dos professores. Ao sair de casa levamos connosco a forma da família (ou aquela que nos entregou quando está ausente): quantos na sua instabilidade revelam formas instáveis no interior da casa, como tantos na sua doçura e harmonia tornam presente a forma de um lar acolhedor e pacífico! Qual é a nossa forma? Ou qual será o estilo da nossa acção missionária?

Sois casais cristãos. O sentido do tema é óbvio. O que vou acrescentar servirá talvez de balanço, de exame a dois, de prova de amadurecimento, já que a interrogação que vos lanço não estava

explícita no tema, mas está nele inscrita de forma latente. Quando dizemos «cristão» dizemos uma forma que dá corpo a uma missão activa que caracteriza cada homem ou mulher. Quando dizemos cristão dizemos um estilo, um jeito de estar, um molde de relacionamento, uma maneira de estar na vida, de a compreender e de a dar aos outros. Assim a forma da nossa acção põe-nos à escuta do modelo prévio, faz-se avivar a memória de Alguém que olhou, falou, brincou, comeu, bebeu, amou, entregou-se, chorou, sofreu... anunciando uma vida sem fim. A forma da nossa missão enraíza-nos numa tradição multissecular que nos transporta às sendas de uma figura histórica exemplar «que passou fazendo o bem», que se entregou por nosso amor e que está vivo junto do Pai. A nossa forma põe-nos em sintonia com a voz do monte das bem-aventuranças, faz-nos ouvir as sentenças lindas e cheias de graça em sendas da Palestina, faz-nos acertar o passo caminhando ao ritmo do movimento do Enviado do Pai, o «Nazareno».

2. Obstáculos

Se assim apuramos o sentido do tema, parece-nos que tudo se joga, para nós, na decisão ou na opção pela forma correcta de ser cristão hoje, ou de ser casal cristão hoje. Formar-se para a missão é uma exigência interna ao próprio ser cristão, não se entendendo que se possa ser assim sem cuidar permanentemente da sua forma. É assim na nossa vida diária: o nosso estilo, a nossa forma de apresentação, a nossa linguagem, os nossos gestos, as nossas posturas... exigem de nós cuidados, arranjos, esmero, asseio, exercícios, atenções e tempo! Que o digam as senhoras que com tanto gosto e arte preparam as roupas dos bebés e da família para que todos saiam em forma e a família faça boa figura! Que o digam os maridos quando amuam diante da camisa mal engomada ou que o diga a esposa quando lhe estragaram o seu melhor vestido na lavandaria! A forma cuida-se em casa, no médico, no cabeleireiro, no esteticista e até na clínica de próteses!

E a forma de ser cristão? Há determinados requisitos para a cultivar como há um grande número de obstáculos que, no seio do mundo contemporâneo, nos prendem a todos, nos deformam ou desfiguram o rosto que entretanto gostaríamos de apresentar.

Gostaria de me deter agora nos obstáculos mais relevantes, para depois partilhar convosco algumas pistas para a cuidadosa forma que precisamos de manter. Estou convencido de que quando

falamos de «formação» no sentido apresentado, falamos também de um conflito aberto, de um exercício de oposição a maneiras de estar na vida de braço dado com as tendências opressoras da sociedade que é a nossa, que tende a criar um clima de facilidade e de economia de esforço na medida em que se atinge um nível abundante de bem-estar.

Um primeiro obstáculo ao cultivo da forma esmerada de ser cristão pronto para a missão é o que ousou chamar a «presunção da ciência». A tendência é para a acumulação de saberes enciclopédicos e totalizantes, sem grande travejamento, nem estrutura, apanhados ao sabor dos *media* que nos inundam de informações, de opiniões, de propaganda, de um saber de cordel que não possui muita consistência; quando lhe perguntamos pelas razões, pelo fundamento facilmente se desmorona. Sobretudo a «presunção da ciência» de que falo desculpa-se quase sempre com o argumento de que «é óbvio», dado que nem sequer se dedica ao trabalho de trazer à luz da consciência um possível argumento.

Trata-se de um obstáculo, já que esta «ciência de cordel» enche a nossa medida muitas vezes e quando se está «cheio», falta o desejo; alguém satisfeito não mendiga mais, não procura senão quando sente necessidade.

Sabemos bem que um dos impecilhos para ir mais longe é o de pensar que se chegou ao fim do caminho; e isto na ciência é fatal, revelando que afinal o que sabemos é bastante oco, superficial e sem referências de grandeza. A autêntica ciência abre aquele que a possui ou que a mendiga num horizonte de infinita grandeza e de pequenez. Quando a ciência é autêntica faz caminhar, ser mendigo, ir à procura de mais, na certeza da máxima socrática «só sei que nada sei», e isto me basta para ir mais longe.

Eis, por isso, um dos pecados que aflige e deforma muitos de nós (e até o casal): se estamos repletos de saberes, paramos de procurar, ficamos estáticos a contemplar aquilo que já possuímos e isto deforma a nossa imagem.

Do ponto de vista cristão, quando sabemos as respostas do Catecismo podemos ter a sensação de que de mais nada precisamos. E isto cria verrugas e manchas no nosso rosto. Deforma-nos.

É muito frequente entre nós, e até constitui uma das críticas que fazemos na comunidade cristã, um segundo obstáculo: remetemos para os ombros de outrem (sacerdote, catequistas,...) a tarefa

da transmissão dos valores, que integram a forma cristã de estar na vida. Trata-se do obstáculo da demissão.

Outrora, os avós constituíam a geração de suplência que era encarregada de legar aos mais novos o património da fé, as cores desta forma de se dizer cristão; viviam sob o mesmo tecto e constituíam a geração transmissora do testemunho cristão.

Hoje, a vida criou outro quadro familiar e esta geração de transmissão não foi substituída; desapareceu de casa e a transmissão da forma cristã de estar no mundo perdeu: extinguíram-se os ritos e as práticas que solidificavam e ritmavam uma forma de estar e perderam-se as narrativas que criavam no imaginário referências religiosas indelévels. O ritmo hodierno da família, o novo relacionamento do casal, o quadro empresarial e concorrencial, a atracção da facilidade e do menor esforço, contribuem ainda mais para adensar este obstáculo, o do alheamento da transmissão, contentando-se cada um com a sua fé, bastando-se nas suas ideias e entregando exclusivamente aos outros esta função educativa da transmissão do património religioso que nos identifica.

Este obstáculo é sério dado que, se por um lado empobrece a geração dos casais que não avivam a memória da sua fé, por outro lado cria uma distância entre o ensinado na catequese e o vivido no seio da família; tal distância constitui sem dúvida um dos riscos mais flagrantes na forma de ser cristão para o século futuro. De facto, se a comunidade não se sente toda comprometida na transmissão de uma forma cristã de vida pode acontecer que a «doutrina» seja decorada como ideologia mas não chegue a dar forma ao rosto das gentes. Assim, eis o perigo de «saber coisas da religião», mas de não ser cristão, perigo que se torna bem evidente na sociedade que construímos. O pecado é o de uma demissão do testemunho.

O terceiro obstáculo que impede a formação do nosso rosto cristão é o da sondagem. O nosso tempo está repleto de sondagens a todos os níveis que, insensivelmente, vão norteando os nossos comportamentos e as nossas opções. A nossa opinião é muito influenciada, sobretudo quando nos apresentam o pensar de uma maioria. Trata-se de um enfraquecimento da nossa capacidade crítica que exigiria critérios válidos para enfrentar as diferentes opiniões. A sondagem arrasta-nos, pois vem de braço dado com a força dos meios de comunicação social que a impõem como se fosse a verdade do momento. Se a maioria pensa de uma determinada forma, facilmente concedemos que seja a verdade mais autêntica para o momento.

Neste campo somos herdeiros de um certo fascínio mediático que forma a nossa maneira de pensar, de agir, isto é, que informa a nossa actividade. Assim, a sondagem que poderia servir de referência, lidera a nossa acção e só mais tarde até nos damos conta que podemos estar a comportar-nos, a proceder, em oposição aos valores que nos configuraram no passado. O obstáculo é tal que transforma a própria verdade num negócio ocasional, numa realidade por vezes manipulada pelos próprios gabinetes de sondagem.

A vida do casal cristão, a sua forma de estar na sociedade, não sofrerá por vezes da teimosia de pautar os comportamentos pela opinião da maioria forjada em gabinetes de sondagem e sua divulgação?

É certo que os meios de comunicação social constituem no nosso tempo uma forma prodigiosa de comungar com todas as culturas, possibilitando um ritmo cardíaco à dimensão do mundo e fazendo de todos os homens nossos conterrâneos; porém, detêm um poder de deformação dos nossos valores que ainda não medimos com toda a honestidade, mas que, se queremos manter limpo o nosso rosto cristão, teremos de enfrentar com realismo e com honestidade crítica.

A sondagem publicitada pode revelar-se como um «prancha ensaboadas» que traiçoeiramente pode deformar o nosso rosto.

Um outro obstáculo é o do «cocktail fácil». Sabemos todos que uma má gestão do nosso gosto alimentar, dos nossos prazeres de mesa, pode levar a deformações irremediáveis do ponto de vista da nossa estética física, da beleza externa do nosso porte. Trata-se de uma questão com muito relevo entre nós, que cuidadosamente nos pesamos todos os dias, fazemos ginástica rítmica para emagrecer e frequentamos até os centros dietéticos para não fugir da forma. O obstáculo é tanto mais evidente quanto é paradoxal, deixando-nos entre o apetite impossível e as despensas repletas de iguarias. De facto a nossa forma física está à prova diante de supermercados abundantes, de bens de consumo em demasia com um dispositivo publicitário capaz de desnortear os nossos mais profundos critérios. E como a mesa tem de ser exígua para não perder a forma, as prateleiras guardam os bens de consumo, os nossos sinais de riqueza para um tempo de guerra e de fome. É certo que o obstáculo é muitas vezes a excessiva abundância que nos circunda e que infelizmente falta na mesa e na despesa dos outros.

Diga-se ainda que se a forma exterior nos preocupa e nos obriga a algumas renúncias, a nossa forma interior é menos exigente: por isso deixa-se amontoar, apodrecer até e ultrapassar o prazo, enquanto muitos dos produtos que envelhecem mingam na mesa dos outros. De facto, podemos muitas vezes compor um *cocktail* diário que só não consumimos para salvaguardar a nossa forma física, mas que não partilhamos deixando empobrecer a nossa forma espiritual. Deixem-me dizer mais uma vez o que todos sentimos: não nos deixamos formar porque estamos deformados pelo muito que temos em abundância.

Além disto este nosso *cocktail* é mais que alimentar: é também cultural, lúdico e electrodoméstico; ostentamos sinais de riqueza e, preocupados, montamos sistemas anti-roubo; possuímos aparelhos sofisticados e o luxo impede-nos por vezes de aderir e de intuir o essencial; divertimo-nos e enchemo-nos de sons exteriores... *cocktail* sonoro que nos impede de nos escutarmos a nós e de nos apercebermos daquilo que nos é mais próprio.

A esta facilidade de composição das nossas refeições (físicas, culturais...) está vinculado um outro obstáculo que é o de «viver fora», olhando para a superfície polida das coisas, extasiados com o brilho de um verniz que impede por vezes o acesso ao interior verdadeiro das coisas.

Já foi dito por muitos ultimamente que a nossa «civilização» é *light*, muito ténue, ligeira, superficial, contentando-se com o *flash* do instante, com a sedução do efémero, com a traição do brilho momentâneo. É assim que mendigamos emoções fortes, que agora são e logo fenecem! Este obstáculo é o da sedução do verniz, obstáculo inscrito na nossa forma de estar no mundo hoje.

É certo que a literatura episódica de algumas revistas é mais fascinante do que a profundidade da reflexão para a qual não há grande tempo. A sedução é a do exterior das coisas que apetezem, que dão prazer ao olhar, que fazem apurar o ouvido produzindo sensações tácticas. Custa-nos muito a conhecer o nosso interior, a sentir os recônditos da alma, a escutar os apelos do Espírito que murmura em nós qual brisa ligeira, a entrar dentro da casa que habitamos e a percorrer os corredores interiores onde estaríamos presentes a nós mesmos. Fascina-nos mais «viver na rua», voltados para as fachadas.

Quantas vezes este obstáculo se impõe na família e no casal: quando era necessário entrar no segredo um do outro (marido e

esposa), dialogar no interior da vida como casal, sentar-se na escuta dos humores recíprocos para mais amor (mais conhecimento)..., a tentação é de «sair», contar a outros como insuportável e introduzir o juiz exterior para que faça justiça. Mesmo aqui o obstáculo é o da sedução de ver as coisas por fora, de sair para a rua... fugindo ao essencial que passaria pelo regresso a casa, o que significa pelo regresso ao enamoramento para curar as feridas da distração.

O sexto obstáculo é o de um certo «naufrágio», deformados que somos por um juízo de ocasião, numa invasão constante de opiniões de todas as cores e de todos os feitios. Perdemos-nos, perdendo o pé numa certa confusão de ideias e de ideais a que por vezes chamamos «pluralismo».

A informação é vasta e cruzada e nós somos «os apanhados», sem grande capacidade de ponderação, sem tempo para avaliar o peso das coisas e irresistivelmente atraídos pela moda muito ligada à novidade.

O obstáculo é grande, pois faz depender a nossa forma de estar da ocasião, do momento, da balança das ideias e até do peso da sua publicidade. Não é que não tenhamos «forma», mas esta é sem persistência, sem compromisso, sem fidelidade duradoira. E sabem bem que aqui o nosso ser cristão está mesmo à prova: a novidade que lhe é própria não lhe vem de fora, da ocasião, mas de dentro, onde a Trindade habita como em Seu Templo.

Chamo a este obstáculo «naufrágio» já que, tal como o naufrago, a nossa forma de ser vai ao sabor das vagas, balanceia em função dos ventos, está onde é mais calmo, onde é mais moderno, onde está mais na moda. Trata-se bem, penso, de um naufrágio da ocasião, onde vence a vaga mais impetuosa tão passageira como todas as outras.

Vejam se não é assim quando deixamos as obrigações por devoções dispensáveis, quando o casal não se senta por uns tostões a mais, quando se troca o diálogo pelo novela ou quando se pensa na separação por uma querela de ciúme. Vejam se não é assim quando se vai ao tribunal antes de se olhar nos olhos e de pedir perdão ou quando se abandona a dignidade dos filhos ao destino de um lar desfeito em nome de uma outra dignidade desfeita.

O último obstáculo que tende a deformar e que quero enumerar é o de um olhar curto, sem horizonte, muito fechado no perímetro da labuta quotidiana; o de um olhar curto que só sabe medir em

termos bancários e em fórmulas de rentabilidade económica; um olhar curto, demasiado sensível e material, com medo do futuro e circunscrito a um sistema de concorrência; um olhar que já não vê na cor dos olhos do outro senão a instabilidade e que escuta o fracasso em todos os ruídos; um olhar curto pessimista e avarento que deixa de vislumbrar a aventura e que conta os grãos de areia sem saborear a imensidão da praia.

O olhar curto é uma deformação que prejudica o manancial infinito de espiritualidade que cada homem ou mulher encerra. Este obstáculo deforma a própria imagem de Deus, atribuindo-lhe um estatuto menor, fazendo d'Ele um último recurso, um despachante de alfândega ou até o médico de certidão de óbito.

Vejam se não é assim quando a oração é apenas nas horas amargas ou em tempo de infortúnio, ou quando a meditação da Palavra de Deus é um passatempo na ausência de uma revista para adormecer! O olhar curto serve-se de Deus como peça de um sistema de rentabilidade.

Talvez seja necessário olhar mais longe, abrir o horizonte, rasgar as nuvens de um sistema que nos mantém aquém das coisas e das pessoas, para saber ler nos olhos do outro a imensidão do céu e para aí encontrar o Deus de bondade infinita.

Talvez seja necessário chamar pelo nome a tais obstáculos para cuidar da nossa forma e traçar pistas de transformação.

Para uma formação lúcida exige-se uma atenta leitura do que nos circunda hoje, das razões que damos às nossas fugas e deformações. Exige-se em seguida optar por uma estrada nova, frequentar espaços diferentes, servir-se dos meios mais adequados para ser cristão de forma nova.

3. Propostas

Atrever-me-ia a partilhar convosco algumas propostas para uma missão do casal e em casal com rosto novo; uma forma nova para ultrapassar obstáculos e para estar no mundo como casal cristão. Aceitem-me estas pistas em jeito de bem-aventuranças.

Bem-aventurados os cristãos que o são no seu íntimo, os que cultivam a sua identidade cristã, regressando cada dia ao mais genuíno do seu baptismo. São os que se compreenderam por dentro e que gostam de se interrogar sobre as raízes da realidade que os faz

hoje. São os que percorrem a estrada da santidade na certeza de que o Baptismo que receberam é um projecto sempre a renovar, um banho em Cristo a repetir todos os dias. São os que acreditam que a forma inspira cuidados quotidianos e que não podem dormir sobre o adquirido na véspera. São os que seguem uma estrada de nómadas, conscientes daquilo que lhes falta em ordem à estatura adulta à imagem de Cristo ou à medida da estatura de Cristo. São os que olham para dentro, ou cultivam o olhar espiritual que os torna belos a partir do coração. Os que relêem com atenção o certificado baptismal e procuram purificar-se libertando-se de tantas prisões ilusórias. São leves na sua forma porque habitados pelo Espírito e partilham a alegria que brota da Trindade que neles habita como um tesouro. São os que fazem de cada dia uma etapa baptismal, uma reunião com a Trindade, implorando redobrada atenção quando rezam «Vinde Espírito Santo», em ordem à plenitude do coração.

Bem-aventurados os homens e as mulheres que atendem cuidadosamente às capacidades que o próprio Deus neles infundiu, revendo-se ao espelho do Criador e que se descobrem ornados de dons em benefício dos companheiros. São os que cultivam a sua especificidade masculina ou feminina e não procuram travestir-se, mas investem para o serem mais e melhor. São humildes em relação aos dons que receberam e prontos na gratidão ao autor de toda a bondade. Cultivam-se humanamente do nascer ao por do Sol fazendo da vida um alfobre de virtudes, eles que receberam o sopro do Espírito concedendo-lhes o foral de santidade: são honestos no trato e na acção, autênticos na palavra e nos pensamentos, gente de uma só cara e de um só jeito, verdadeiros no olhar e dóceis no conselho, prudentes diante da novidade e sinceros nos gestos que brotam do coração. Ricos em virtudes humanas e qualidade, colocam-se ao serviço dos outros e partilham com estima aquilo que Deus vai fazendo neles amadurecer. Não partilham por vanglória ou para serem aplaudidos, mas porque acreditam que o bem contagia e fazem da partilha um acto de amor.

Bem-aventurados os casais, de todas as idades, que sabem reler o pacto sacramental, que regressam todas as manhãs à frescura do compromisso matrimonial e que refrescam o oiro da aliança num beijo de amor que é sempre primeiro, sem subterfúgios mas como sinal (manifestação) do compromisso de Deus que ama louca-

mente. São os que revivem o dia do casamento, que gostam de contar as histórias do seu amor, que repetem no íntimo do seu lar a cena do casamento e que conseguem manter intacta a imagem do cônjuge gravada na pupila dos olhos. Esfolheiam junto à lareira o álbum de tantos anos renovando no silêncio, nas horas mais alegres ou nos momentos mais duros, um «amo-te» de paz, sereno e transparente, capaz de derrubar todos os obstáculos. Sentam-se no colo e ternamente avançam projectos novos para não deixar que a aranha teça em seu redor, estragando a forma esbelta que querem guardar para o paraíso, quando chegarem de mãos dadas junto de Deus. Passaram tormentas e infortúnios, cruzaram tempestades e aflições mas conservaram o mesmo olhar cativante. Lutaram contra a sorte e fugiram de ciladas, perderam noites inteiras juntos dos bebês, foram entregando a vida gratuitamente aos vindouros, mas em tudo guardaram o segredo do «sim», mantiveram a forma jovem na qualidade da ternura.

Bem-aventurados os que são na acção idênticos ao pensamento, os que se dizem agindo, renovando sem cessar a unidade da vida que receberam. Os que dizem sim e fazem sim ou que pensam não e fazem não. Os que reflectem harmonia no sistema de linguagens que os habita, pautando a vida por uma concórdia interna que se reflecte no exterior. Os que fogem da duplicidade e do engano com seriedade e com humildade, conhecendo os caminhos do erro e da mentira que geram infidelidade e miséria. Os que se sabem apoiar reciprocamente para manter a integridade e que promovem a paz a começar pela do seu próprio espírito. Os que professam a sã doutrina no comportamento concreto com os parceiros mais próximos da sua vida, não adiando a caridade operativa na expectativa de actos de envergadura, mas concretizando-a nas pequenas coisas, no mais elementar do quotidiano, no copo de água, no pedaço de pão, no sorriso de graça e no aperto de mão.

Bem-aventurados os que sabem partilhar as razões da sua esperança, os que estão prontos a delas dar testemunho. Os que não arrumam a Bíblia na estante do escritório ou fazem dela apenas o *bibelot* decorativo da sala de estar. Os que a partilham como o pão e o vinho que dão força à vida, os que nela aprendem razões novas que dissipam os nevoeiros da véspera; os que a lêem à espera da consulta ou que repartem o seu testemunho na oração com os outros, com os filhos, com os amigos. Os que a preferem a outros

livros e que até adormecem com um dos versículos inscrito nos olhos. Os que sabem beber nela a história da sua tradição cultural e o testamento espiritual do Seu fundador. Os que a rezam repetidas vezes e que a conhecem como quem aprende os parágrafos lindos da primeira carta de amor. Os que se deixam transformar por ela como quem recebe uma boa nova, a definitiva boa nova de Deus. Os que a praticam no seu testemunho, entregando aos outros os fundamentos da sua forma de estar no mundo, entrega contagiante quando se é capaz de uma síntese entre o Evangelho e a vida. Os que a procuram como Palavra viva e dinâmica que marca o encontro com a Graça, que abre ao mistério de Deus.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de Deus e que apostam na compreensão do Seu Mistério. Os que encontram tempo para a cultura do Espírito, os que sabem dedicar-se a uma reflexão que desperte o sentido das coisas, que ajude a perceber os sinais e que os arranque da superfície do sensível. Os que se cultivam doutrinariamente, gastando tempo com a sua inteligência, procurando dizer de novo os conteúdos da sua fé, reflectindo sobre o desígnio de Deus escondido na fórmula do Pai Nosso ou reformulando o seu acto de fé ao pensar as realidades últimas, a vida eterna. Os que estudam mesmo, sem passar pelo «tema de estudo» como as gaivotas por cima da ponte em dia de tempestade. Os que fazem do estudo um acto de humildade e de compromisso solidário, descobrindo a fragilidade da sua razão e preparando-se para explicar aos mais novos o património que lhes transmitem. Os que entram na escola da fé em qualquer idade no intuito de viverem com mais qualidade a sua forma de crenças.

Bem-aventurados os que amam concretamente a Igreja que edificam, a estimam como sua e nela desenvolvem dinamismos de comunhão. Os que cuidam da família como «comunhão doméstica», como réplica da Igreja no canto mais especificamente humano. Os que não se isolam no *guetho* da sua tertúlia, da sua espiritualidade, da sua graça «carismática», como se fossem o ano zero da fundação ou a solução única para a renovação de hoje. Os que apostam em abrir as mãos e o coração aos mais próximos, estimando as diferenças e nelas construindo a comunhão que vem de Deus. Os que amam na esteira de uma sabedoria activa na proximidade com os que partilham o mesmo tecto, com os vizinhos do bairro e com os círculos sociais que integram. Os que acreditam que a Igreja não

tem fronteiras e que a realidade que vivem é dádiva do Deus tripessoal que se comunica no Amor; os que, por isso, ensaiam a comunhão com ousadia, dão passos novos em relação aos irmãos e são interventivos em benefício dos mais desfavorecidos. Os obreiros da caridade como sementeira da utopia de Deus que abre os irmãos ao mistério inscrito na própria vida.

Bem-aventurados os que fazem da família uma escola de ginástica cristã, onde todos os dias se praticam exercícios de *endurance* para que cada um possa atingir a plenitude em Cristo. Os que acreditam que os bons hábitos exigem exercício, repetição e ginástica, e que só eles constituem a estrutura de um novo tecido relacional no mundo. Os que apostam em metas altas, os que não se contentam com pequenos voos, os que redescobrem o valor do sacrifício para ir mais longe. Os que não desprezam o trampolim para uma comunhão mais serena, benéfica e duradoira. Os que acreditam, afinal, que a nossa forma de discípulos obriga à frequência de exercícios de ginástica espiritual na escola do Único Mestre, Cristo!

JOSÉ DA SILVA LIMA